

## CADERNOS ESCOLARES: duas coleções singulares e um mar de possibilidades

### SCHOOL NOTEBOOKS: two unique collections and a myriad of possibilities

*Milene Moraes de Figueiredo<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente estudo analisa duas coleções singulares de cadernos passados a limpo e encadernados de um menino e uma menina que tiveram um ótimo desempenho escolar durante o Curso Primário, realizado em uma instituição privada, laica e de elite, fundada por imigrantes alemães. O corpus documental compreende duas coleções de cadernos escolares das disciplinas de 1ª a 5ª séries do Curso Primário de alunos do Colégio Farroupilha de Porto Alegre das décadas de 1950. O estudo se insere na área de História da Educação e objetiva discutir o potencial como fonte histórica. A pesquisa é realizada no Memorial do Colégio Farroupilha.

**Palavras-chave:** Cadernos escolares. História da Educação. Coleções de cadernos. Cadernos singulares.

**Abstract:** The present study analyzes two unique collections of clean copied and bound notebooks of a boy and a girl who had a very good performance during Primary School, attended at a private, secular and elite institution founded by German immigrants. The documentary corpus comprises two collections of notebooks from the 1st to 5th grade subjects of the Primary Course of students of the Colégio Farroupilha in Porto Alegre in the 1950s. The study is part of the History of Education area and aims to discuss the potential of historical source. The research is conducted at the Memorial of the Colégio Farroupilha.

**Keywords:** School notebooks. History of Education. Collections of notebooks. Unique notebooks.

Objeto por um lado rotineiro e por outro tão pouco lembrado, o caderno escolar foi implantado como dispositivo pedagógico no final do século XVIII. De acordo com Castillo Gómez (2012, p. 67), trata-se de um momento de mudança na história da escola e nos métodos de ensino caracterizado pela complementaridade entre a leitura e a escrita, que utilizou o caderno como um de seus suportes. No contexto brasileiro, esse dispositivo começou a circular nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, quando a escola republicana o introduziu no contexto escolar (CORDOVA, 2016, p. 218). Desde então, a escrita nos cadernos tem sido parte componente do “arquipélago de rituais”<sup>2</sup> que marca a cultura escolar. Seu uso pode nos ajudar a refletir sobre a arte de ensinar e a aven-

tura de aprender que compõem o que Escolano Benito denomina de cultura empírica da escola:

Esta cultura efectual o empírica, que no es la de los discursos teóricos de los académicos ni de las normas administrativas de los políticos – aunque con ellas obviamente se comunique e interaccione – es a la que justamente nos referimos aquí (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 64).

Assim, esse objeto muitas vezes descartado ou esquecido pode ser uma fonte privilegiada para pesquisas em História da Educação. O caderno deixa pistas sobre o aluno ao qual pertenceu, as práticas de aprendizagem e escrita, os conteúdos curriculares (cumpridos ou não), ideias e valores disseminados em dado período histórico e por determinada instituição. De acordo com

<sup>1</sup> Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. E-mail: milene.figueiredo@acad.pucrs.br.

<sup>2</sup> Para saber mais sobre o “arquipélago de rituais” da cultura escolar ver Escolano Benito (2017).

Mignot (2008, p. 7), no bojo da ampliação da noção de documento, esse suporte de escrita passou a ser valorizado como importante objeto ou fonte de pesquisa para historiadores, especialistas em currículo e formação de professores, psicólogos, entre outros pesquisadores que se dedicam a estudar as vivências na sala de aula. A utilização do caderno escolar como fonte de pesquisa nos possibilita encontrar indícios que contribuem para a compreensão da pluralidade das redes tecidas entre os estudantes e a escola. “Muito das relações dos alunos com os conteúdos escolares e atividades oficiais da escola se faz presente nos cadernos. Mas há muito mais” (OLIVEIRA, 2008, p. 129).

O caderno reflete as demandas do nível, etapa ou ciclo de ensino em que foi utilizado. É um instrumento que promove uma aproximação entre o pesquisador e os tempos, ritmos, seqüências e hábitos da atividade escolar (CORDOVA, 2016, p. 215).

De acordo com Castillo Gómez (2012, p. 67-68), a realidade desvelada pelos cadernos tem contribuído para sua consolidação em uma das fontes-fetice da dinâmica etnográfica da escola. O autor aponta que há uma variedade de estudos sobre cadernos e outros escritos escolares, mas que de maneira geral eles tendem a distribuir-se em torno de quatro enfoques principais: Um enfoque toma-os como dispositivos escolares, indagando, nas disciplinas presentes, o discurso escolar, o currículo explícito e oculto ou a organização dos conhecimentos aprendidos. Uma segunda via tem se dedicado a analisar o substrato ideológico camuflado nas lições e cópias “a fim de revisar a instrumentação política da escola e as relações de poder por ela sofrida”; nesse sentido destacam-se distintos enfoques que tomam os escritos como fontes de análise das representações do imaginário político e social inscritos neles como a guerra, a militarização da infância, questões religiosas, familiares, patrióticas, etc. Outro enfoque utiliza os cadernos como testemunhos da cultura escolar e dos agentes que nela intervêm. Finalmente, a quarta via está vinculada às abordagens científicas da História da Cultura escrita, dedicando-se a analisar a questão material, gráfica e textual dos cadernos e trabalhos escolares, “com o objetivo de conhecer os modos concretos que meninos e meninas, principais produtores desse objeto, porém não só se apropriam e valem-se de uma tecnologia da palavra tão significativa como é a escrita”.

Entretanto, apesar da diversidade de enfoques e possibilidades, é importante lembrar que o caderno não consiste em uma fonte neutra:

A escola é produtora de um discurso escolar e de dispositivos produtores de efeitos específicos. [...] o caderno, como produto de uma instituição espe-

cífica, transforma saberes, valores ou ideologias em “outra coisa”. Portanto, dificilmente o que é produzido na escola pode ser, em si mesmo, uma fonte neutra. O conteúdo não pode desligar-se da forma em que se apresenta, o caderno é um dispositivo escolar. Como tal, é considerado um conjunto de práticas discursivas escolares que se articulam de um determinado modo produzindo um efeito (GVIRTZ; LARRONDO, 2008, p. 39).

Além disso, é preciso estar atento ao fato de que nem tudo que acontece na sala de aula está no caderno, e que geralmente os que foram conservados e estão disponíveis para as pesquisas são cadernos peculiares:

Os dos melhores alunos; os encadernados para serem expostos; os de alunos excepcionais por sua precocidade ou status social (crianças prodígio – ou príncipes por exemplo); os de capas mais duras e de maiores dimensões (os frágeis, de menor qualidade do papel e com menos páginas, tendem a danificar-se pelo simples uso); os de capas esteticamente mais bonitas e os passados a limpo (não os de rascunho e ainda, os de anotações pessoais do aluno). Portanto, não podem ser tomados como uma expressão “normal” ou uma mostra representativa do conjunto do afazer dos alunos em sala de aula (VIÑAO, 2008, p. 24).

O presente estudo analisa duas coleções singulares de cadernos passados a limpo e encadernados de um menino e uma menina que tiveram um ótimo desempenho escolar durante o Curso Primário, realizado em uma instituição privada, laica e de elite, fundada por imigrantes alemães. O corpus documental compreende duas coleções de cadernos escolares das disciplinas de 1ª a 5ª séries do Curso Primário de alunos do Colégio Farroupilha de Porto Alegre das décadas de 1950. O estudo insere-se na área de História da Educação e objetiva discutir o potencial do caderno escolar como fonte histórica. A pesquisa é realizada no Memorial do Colégio Farroupilha.

O texto divide-se em três partes: na primeira apresentamos as coleções e sua materialidade. Posteriormente discutimos sua potencialidade como fonte para a História da Educação através de uma incursão em estudos que analisaram cadernos dessas coleções a partir de diferentes enfoques e olhares. No terceiro e último tópico apontamos algumas questões que ainda podem ser exploradas.

## AS COLEÇÕES

Em uma estante do Memorial do Colégio Farroupilha encontram-se duas coleções de cadernos escolares do Curso Primário da década de 1950. Ambas são compostas por cinco volumes e persistiram devido ao cuidado das famílias dos alunos, que as guardaram e

encadernaram. Seus autores são dois ex-estudantes da escola: Luiz Carlos Petry<sup>3</sup> e Gladis Wiener<sup>4</sup>.

A coleção de Luiz Carlos contém cinco volumes encadernados na cor verde escuro que totalizam 113 cadernos (Ver figura 1). A coleção de Gladis possui o mesmo número de volumes e um total de 111 cadernos. A encadernação foi feita em couro com os dizeres “Colégio Farroupilha CADERNOS de Gladis Renate Wiener” seguidos da identificação do volume de acordo com o ano escolar (ver figura 2).

Figura 1: Coleção de Cadernos de Luiz Carlos Petry



Fonte: Memorial do Deutscher Hilfsverein do Colégio Farroupilha.

Figura 2: Coleção de Cadernos de Gladis Renate Wiener



Fonte: Memorial do Deutscher Hilfsverein do Colégio Farroupilha.

As duas coleções abrangem um total de 224 cadernos das disciplinas de 1ª a 5ª séries do Curso Primário do Colégio Farroupilha durante a década de 1950, conforme é possível visualizar no quadro 1.

Quadro 1: Cadernos analisados

Série	Cadernos Luiz Carlos Petry	Cadernos Gladis Renate Wiener Blumenthal	Total
1ª	27	22	49
2ª	23	23	46
3ª	23	30	53
4ª	22	17	39
5ª	18	19	37
Total	113	111	224

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

São compostas por cadernos de Deveres, Caligrafia, Ditado, Português, Redação, História, Geografia, Ciências, Matemática, Música e Desenho. Ambas seguem um certo padrão: cada tomo encadernado corresponde a uma série do Curso Primário. Os cadernos que os compõem possuem a capa-padrão da escola de cor azul acinzentado que contém uma etiqueta de identificação dos alunos colada na frente. Os nomes dos estudantes são escritos a lápis com letra cursiva, seguidos pelo número de cada um<sup>5</sup>. Enquanto na primeira e segunda série os registros eram feitos a lápis, da terceira série em diante predomina o uso da caneta-tinteiro. Na primeira página de cada coleção estão anexados os boletins escolares dos alunos que nos permitem visualizar a professora correspondente de cada série, assim como os familiares responsáveis que costumavam assiná-los.

Os cadernos são em tom de cinza ou azul (tamanho 22cmx16cmx5cm), da Tipografia Mercantil Ltda., com etiqueta da escola fornecida pela Livraria Continente. Há cadernos de outras tipografias e/ou livrarias – Selbach, Globo, Herrmann, Schapke. Os cadernos de matemática são quadriculados, em tamanho pequeno e médio. Os demais são de três linhas separadas por dois traços, como os de caligrafia, modelo alemão Süterling. Esse mesmo formato também aparece em quadricula-

<sup>3</sup> Luiz Carlos Petry nasceu na cidade de Montenegro/RS em 31 de janeiro de 1945. Filho do industrialista Alfredo Alcívio Petry e da dona de casa Hilda Noll Petry, começou seu processo de escolarização no Curso Primário do Colégio Farroupilha em 1951, permanecendo na escola até 1962 (JACQUES, 2013, p. 240).

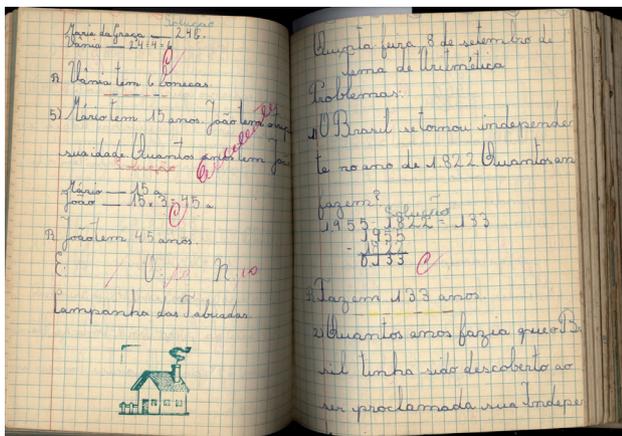
<sup>4</sup> Gladis Renate Wiener nasceu em Porto Alegre/RS em 13 de fevereiro de 1946. Filha do podólogo e comerciante de calçados Kurt Wiener e da podóloga Neu Wiener, frequentou o Colégio Farroupilha no Curso Primário e Secundário no período entre 1953 e 1961 (BASTOS, 2013, p. 310).

<sup>5</sup> O número de Luiz Carlos era 104 e o de Gladis 628.

do pequeno. A maioria dos cadernos tem 16 folhas, mas na quarta e quinta séries há cadernos de Matemática com 40 folhas (caderno de temas, caderno de problemas) (BASTOS, 2013a, p. 319).

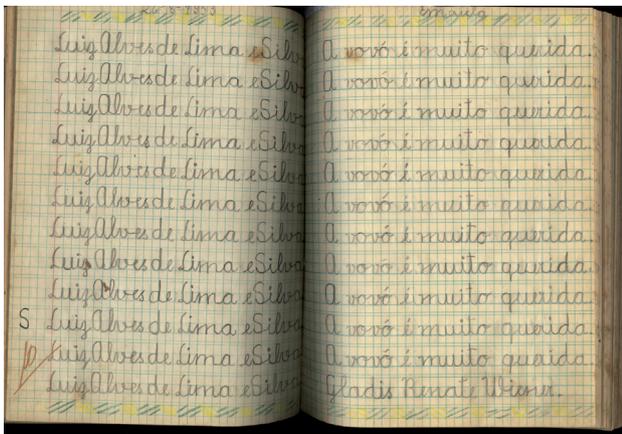
Nas figuras 3 e 4 podemos visualizar as páginas quadriculadas dos cadernos de matemática e caligrafia respectivamente.

Figura 3: Caderno de matemática



Fonte: Gladis Renate Wiener (1955).

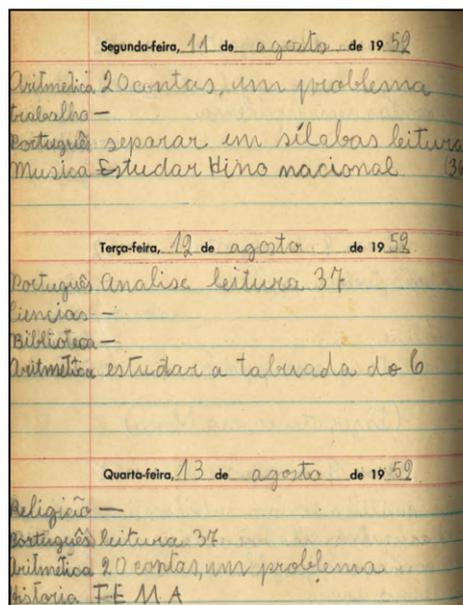
Figura 4: Caderno de caligrafia



Fonte: Gladis Renate Wiener (1955).

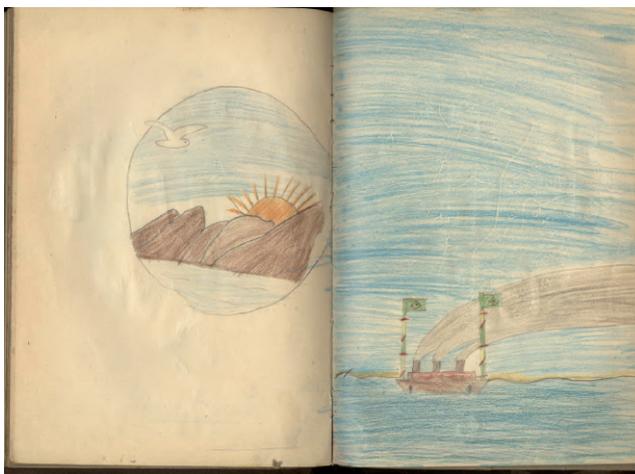
Nos cadernos de deveres<sup>6</sup>, cada página era dividida em três dias da semana, que os alunos deveriam preencher com a data e as atividades e/ou temas de casa solicitados, conforme podemos ver na figura 5. Já os de desenho tinham a peculiaridade de não possuírem linhas, conforme a figura 6.

Figura 5: Caderno de deveres



Fonte: Luiz Carlos Petry (1952).

Figura 6: Caderno de desenhos



Fonte: Luiz Carlos Petry (1952).

Jacques destaca que, ao imergir nas coleções, encontramos variadas produções manuscritas dos alunos, que apresentam diversas formas e modos de produção de uso. Os cadernos documentam, portanto, múltiplas produções.

Nos de português, por exemplo, há cadernos específicos de gramática, ditado, redação, caligrafia e cópias; nos cadernos de aritmética, temos

<sup>6</sup> Os cadernos de deveres funcionavam como uma espécie de agenda de tema de casa, contendo as tarefas e os temas de casa passados para os discentes, os feriados, as férias escolares e os dias não letivos. Também serviam como comunicação dos pais com os professores, pois era o local em que os responsáveis informavam a ausência do aluno. Sobre os cadernos de deveres ver Bastos (2013a).

exemplares para exercícios com histórias matemáticas e outros para cálculo mental (JACQUES, 2011, p. 23).

Tanto interna quanto externamente, chamam atenção o capricho e o cuidado com os cadernos, que deixam a impressão de que os mesmos não eram utilizados em sala de aula, mas sim em casa. De acordo com Viñao (2003, p. 23), a questão estética exerce um sentido ético, regularizador e disciplinador; por isso, em cadernos exemplares é fundamental a questão da limpeza, ausência de manchas, folhas arrancadas ou anotações e desenhos intempestivos não controlados. Em entrevista realizada em novembro de 2014, Luiz Carlos relata que os registros eram feitos em blocos de rascunho em sala de aula e que posteriormente os alunos passavam tudo a limpo para os cadernos, quando também faziam ilustrações e colavam gravuras. O ex-estudante também contou que sua mãe costumava encaderná-los no final de cada ano para que fossem dados de presente de Natal para o seu pai. A coleção foi doada por Luiz Carlos em 2009, num encontro de turma de ex-alunos do curso colegial (JACQUES, 2011, p. 103).

De acordo com Bastos, a coleção da Gladis também foi guardada e encadernada por sua mãe:

Em conversa com Dona Ellen, na época com 94 anos, sobre o porquê da conservação e da encadernação dos cadernos das filhas, manifestou que, por estarem “tão bonitinhos e limpinhos” e as notas serem excelentes, resolveu conservá-los, mandando encaderná-los no Instituto Pão dos Pobres. Revela que não conhecia experiência similar nem na Alemanha nem no Brasil (BASTOS, 2013a, p. 315).

Posteriormente, Gladis, sentindo orgulho de seus cadernos encadernados, resolveu continuar conservando-os até que os doou para o Memorial do Colégio Farroupilha para que ficassem disponíveis para consulta e pesquisa.

A conservação dos cadernos é, para Gladis, um “lugar de memória” de sua infância e escolaridade. Relata nunca ter se sentido tolhida na escola, conservando assim boas recordações do tempo de escolarização. Ao folhear os cadernos, recorda as aulas de caligrafia, os ditados, o Meu diário, o caderno de deveres, as festividades, as medalhas e menções honrosas, as fotos anuais, etc. (BASTOS, 2013a, p. 316).

Em um contexto em que os cadernos tendem a ser esquecidos em sótãos e porões ou descartados no lixo, o ato de guardar e conservar cadernos escolares e

disponibilizá-los para pesquisas acadêmicas tem sido muito valorizado pelos pesquisadores em História da Educação.

À medida que se amplia o interesse historiográfico pelos cadernos, igualmente há a inquietude por sua busca, de modo que sua constituição em objeto de estudo é devedora e caminha em paralelo com o empenho de iniciativas que têm tido o objetivo de identificar, inventariar, classificar e conservar cadernos e demais trabalhos escolares (CASTILLO GÓMEZ, 2012, p. 67).

O Memorial do Colégio Farroupilha tem promovido essa iniciativa de inventariar e classificar cadernos escolares, assim como outros documentos que fizeram parte da história da escola. A disponibilização de documentos para a pesquisa acadêmica tem permitido a realização de uma série de estudos que utilizam como fonte a documentação de seu acervo. Entre as inúmeras fontes disponíveis para pesquisa, as coleções de cadernos têm despertado interesse significativo. Nas páginas que seguem, discorreremos sobre como essas duas coleções singulares cruzaram o caminho de diferentes pesquisadores, sendo analisados a partir de diversos olhares e enfoques. Destacamos a sua versatilidade e potencialidade como fonte para a História da Educação.

### **A VERSATILIDADE E POTENCIALIDADE DAS COLEÇÕES: UMA INCURSÃO EM DIFERENTES PRODUÇÕES**

Ao visitar o acervo do Memorial do Colégio Farroupilha, destacam-se entre inúmeros documentos os seus cadernos escolares. Seu acervo salvaguarda cadernos escolares da década de 1920 até o ano de 2017. No meio desse material um leque de possibilidades se abre para pesquisadores da área de História da Educação. Ao decidir analisar seus cadernos, surgem uma série de indagações: Por onde começar? Quais escolher? A partir de quais critérios? Em meio a tantas possibilidades e estudos já efetuados, optou-se por trabalhar com as coleções de Luiz Carlos e Gladis devido à sua circulação entre os integrantes do grupo de pesquisa “Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: memórias e histórias (1858-2008)”<sup>7</sup>.

Abrindo a coleção de cadernos de Gladis do ano de 1953 em uma folha qualquer, deparamo-nos com duas páginas onde a frase “Viva a Semana da Pátria” é repetida constantemente, seguida do nome da aluna na última linha, conforme é possível observar na figura 7:

---

<sup>7</sup> O grupo de pesquisa é coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Helena Camara Bastos.

Figura 7: Caderno de caligrafia



Fonte: Gladis Renate Wiener (1953).

O que chama a atenção nessas páginas? Seus dizeres? A letra bonita? Os frisos? As páginas quadriculadas? A frase “em aula” acima dos frisos? A observação “Muito bonito” e a nota 10 escritas pela professora em letra vermelha? Depende muito do olhar e do foco de análise de cada pesquisador, que, através de diferentes olhares, pode trazer novas descobertas e indagações sobre esse corpus documental. Por isso faremos uma incursão em estudos que trabalharam com os tomos encadernados, elencando aspectos destacados por cada pesquisador. Alguns detiveram-se somente em cadernos presentes nas coleções, outros cruzaram-nos com cadernos avulsos de outros estudantes, há também os que recorreram a outras fontes como depoimentos orais, fotografias, boletins, cartilhas escolares, entre outros. Mas todos os estudos de que trataremos a seguir têm em comum o fato de terem tomado essas coleções singulares da década de 1950 como fonte ou objeto para a pesquisa em História da Educação.

Bastos (2013 a) analisou a coleção de cadernos da estudante Gladis dando destaque a sua materialidade e conteúdo, às atividades recorrentes, assim como às marcas deixadas pela aluna e por seus professores. Através de boletins anexados, notas e observações das professores, a autora identificou pistas significativas do processo avaliativo adotado pela escola. Além disso, através dos cadernos de deveres foi possível analisar a distribuição do tempo escolar e suas práticas cotidianas dentro e fora da sala de aula, assim como os recessos escolares. A autora enfatiza ainda que, através dos cadernos de ditado, redação e *meu diário*, é possível avaliar a habilidade de escrita da aluna. Já os cadernos de ciências naturais, história e geografia possibilitam a análise dos con-

teúdos e atividades desenvolvidas em cada série.

Jacques (2011 e 2013) analisou as marcas de correção presentes em cadernos escolares de quatro alunos do Curso Primário do Colégio Farroupilha, sendo parte desses cadernos de Luiz Carlos e de Gladis. De acordo com a autora, os cadernos são objetos tão comuns e corriqueiros no universo escolar que não nos damos conta de sua historicidade, que se entrecruza com a História da Educação. “Pais, alunos, professores, diretores, supervisores, orientadores, todos passam por eles despreocupados, sem enxergar que eles falam” (JACQUES, 2013, p. 337). Assim, a autora toma esses documentos como um portador de marcas de quem ensina e de quem aprende.

Jacques debruçou-se sobre a interação entre professores e alunos que ocorre nos cadernos escolares, principalmente a intervenção dos professores. Foi dado destaque às palavras, frases, imagens e sinais gráficos utilizados pelos professores e alunos na correção das atividades registradas nos cadernos. Para a autora os efeitos dessa interação demonstram-se através das tarefas escolares.

Há, de fato, diferentes vozes presentes e se manifestando a partir de diferentes lugares sociais: o professor apresenta um conteúdo didático, conteúdo esse definido segundo referenciais curriculares elaborados nas diversas instâncias do ensino. O aluno interage com esses conteúdos e produz também seus próprios significados. Portanto, o caderno tem a função de comunicar a produção da sala de aula, nesse sentido, seus registros se dirigem também a outros interlocutores como pais e profissionais do processo educativo (JACQUES, 2011, p. 58).

Figueiredo (2015) analisou de que forma os valores morais e cívicos eram vivenciados pelos alunos e professores nos cadernos escolares do curso primário nas décadas de 1940 e 1950. Foram examinados 229 cadernos, sendo 224 de Gladis e de Luiz Carlos. Segundo a autora, a ideia inicial era analisar somente os cadernos de história, mas, ao folhear duas coleções de cadernos, a pesquisadora se deu conta de como os heróis e personagens da História do Brasil apareciam nas mais diversas disciplinas, principalmente em períodos de festividades cívicas nacionais. Ao debruçar-se de forma mais atenta sobre o suporte de pesquisa, percebeu-se que os cadernos escolares, entre suas inúmeras funções, também eram utilizados para disseminar valores morais e cívicos para as crianças.

Posteriormente, em sua dissertação de mestrado, Figueiredo (2017) relatou que após o término desse estudo surgiram muito mais perguntas do que respostas. Percebeu-se que se, por um lado, os cadernos da década de 1950 estavam repletos de valores morais e cívicos brasileiros, por outro, os mais antigos, da década de 1920, estavam escritos em língua alemã com somente algumas anotações em língua portuguesa. Além disso, há um vácuo, pois o acervo não possui cadernos do final da década de 1930 e início de 1940. Logo a autora percebeu que as mudanças foram impulsionadas pela política de nacionalização do ensino e, na falta de cadernos, procurou outros documentos para analisar essa questão. Assim, através de análise de correspondências, periódicos e entrevistas de história oral foi produzida a dissertação de mestrado intitulada *A nacionalização do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha: um complexo jogo de adesões e resistências (1937-1945)*. A investigação iniciada com questionamentos decorrentes de uma análise de cadernos, a partir da análise de outras fontes, demonstra como o potencial desse suporte vai além de sua materialidade, trazendo inquietações que nos levam a diferentes documentos, originando novas e diferentes pesquisas.

No estudo “Meu diário: Escritas de si na escola primária (1951-1977)”, Bastos (2013b) deteve-se nos cadernos intitulados “Meu diário”, cadernos de ditado e redação presentes nas coleções de Gladis e Luiz Carlos. A autora aponta que as produções presentes nesses cadernos compõem as práticas de escrita obrigatórias do cotidiano escolar, entretanto, as do “Meu diário” davam maior autonomia aos alunos, que muitas vezes podiam escrever textos livres, escolhendo o tema e como se exprimir.

Essas escritas são, pois, um testemunho de sua própria vida cotidiana, na escola e na família, que faz parte do processo de ensino da língua materna – escrever bem, aprender a pensar, expressar “bons sentimentos” – com a intenção de formar uma determinada identidade de aluno e de pessoa. A análise dos deveres em primeira pessoa, de expressão individual, permite perceber como os alunos expressam as finalidades que a escola e a sociedade prescrevem no seu processo formativo de homem e de cidadão (BASTOS, 2015, p. 285).

Grazziotin (2015) analisou os cadernos de ciências naturais dos alunos que frequentaram o segundo, terceiro e quarto ano do Ensino Primário do Colégio Farroupilha. Entre a documentação analisada, estavam os cadernos de Luiz Carlos e de Gladis. Ao tomar os cadernos como fonte de análise, a autora identificou sua materialidade, as lições mais recorrentes, a presença de

inúmeras ilustrações, as marcas de correção das professoras e os valores transmitidos em aula: “dizer a verdade, a inocência da infância e, ainda, a alimentação saudável” (GRAZZIOTIN, 2015, p. 177).

A imersão nos cadernos também possibilitou identificar alguns elementos ideológicos daquele período:

As décadas de 40, 50 e 60 do século XX abarcam tanto a legislação referente à Reforma Capanema como a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961. Ao se fazer uma relação entre os registros do caderno de Ciências e as memórias do senhor Petry, observa-se, sobretudo, marcas de uma educação com ênfase nos ideais nacionalistas e higienistas, o que corresponde à política do Estado Novo. Obviamente, por tratar-se de Ciências Naturais, entre essas duas a maior visibilidade recai nos aspectos relativos à higiene. Estão presentes em todos os cadernos de todos os anos conteúdos, versos, comemorações e imagens que têm como foco o cuidado com o corpo, o asseio e a higiene pessoal (GRAZZIOTIN, 2015, p. 182).

Búrigo e Santos (2015) analisaram os problemas registrados nos cadernos de aritmética de Gladis. As autoras apontam que, na década de 1950, a escolha, redação e abordagem dos problemas matemáticos estavam entre as tarefas atribuídas aos professores do Curso Primário.

Não se tratava de uma tarefa simples, pois os problemas deveriam, ao mesmo tempo, contemplar os conteúdos previstos para cada ano escolar, simular ou evocar as experiências cotidianas das crianças e, ainda, preparar para as questões intrincadas do Exame de Admissão (BÚRIGO; SANTOS, 2015, p. 192).

A análise dos cadernos de Gladis deixaram pistas de como os professores do Colégio Farroupilha se desincumbiam dessa tarefa. Os problemas contavam com referências ao cotidiano local, questões tanto do mundo infantil quanto do mundo adulto, festividades nacionais e forte preparação para o exame de admissão. De acordo com a autora, o conteúdo nos cadernos evidencia um ensino orientado para a resolução de problemas envolvendo diferentes campos e representação de números, em que os alunos eram preparados não somente para o exame de admissão, mas também para o mundo adulto.

O que os cadernos nos revelam, sobretudo, é que cabia ao curso primário conduzir os alunos de uma infância mágica, povoada de brinquedos, flores e animais, até a entrevisão de um mundo dos adultos, em que tudo é negociado, controlado, medido, calculado e conferido. As referências aos parques e às piscinas, parecem, nesse contexto, licen-

ças poéticas por meio das quais as professoras expressavam a sua consciência de que os alunos ainda eram, apesar de tudo, crianças (BÚRIGO; SANTOS, 2015, p. 2000).

Almeida e Souza (2015) analisaram os cadernos das disciplinas de História dos anos 1950 e 1960, sendo alguns do Curso Primário e outros do Curso Secundário do Colégio Farroupilha. Entre o corpus documental consta o caderno de história de Luiz Carlos do 5º ano do Curso Primário. As autoras se detiveram em examinar a materialidade, a estética e os processos de didatização do ensino de História registrados em suas páginas. Cruzando diferentes cadernos, o estudo destaca a recorrência das ilustrações, da utilização de chaves em meio aos conteúdos trabalhados, as temáticas abordadas e os conteúdos de cada ano. De acordo com as autoras, o corpus documental demonstrou um ensino que abordava os fatos do passado de forma descontextualizada, baseando-se na atuação épica de personagens.

Mostrava-se aos alunos uma história descritiva, homogeneizadora, em que as narrativas eram naturalizadas, princípios esses coerentes aos conceitos que se tinha acerca da disciplina naquela temporalidade (ALMEIDA; SOUZA, 2015, p. 223).

Silva (2015) analisou como a geometria era trabalhada no Curso Primário do Colégio Farroupilha através da coleção de Luiz Carlos. De acordo com a autora, apesar de não figurar na grade curricular da década de 1950, os saberes geométricos estão presentes em cadernos de diferentes disciplinas. Portanto, não havia um caderno da matéria Geometria, mas havia rastros de saberes geométricos encontrados em cadernos como os de cópia, desenho e um caderno sem nome.

A autora identifica exercícios que articulam os conceitos geométricos estudados com situações da realidade dos alunos, como, por exemplo, “o ângulo formado entre os ponteiros do relógio e a posição das prateleiras da biblioteca” (SILVA, 2015, p. 232). Silva aponta que essa preocupação em estabelecer relação com o cotidiano é uma marca no ensino da escola e um indicativo de apropriação do método ativo, cunhado pela escola nova que propõe uma formação total do indivíduo, tendo o aluno como centro do processo de aprendizagem (ibid, p. 235).

A partir dessa imersão em diferentes estudos que se utilizaram das mesmas coleções podemos perceber uma série de aspectos tanto sobre a escola quanto sobre os autores dos cadernos. Gladis e Luiz Carlos eram alunos com um ótimo desempenho escolar, que cuidaram de seus cadernos com tanto zelo e capricho durante sua

formação que suas mães, ao invés de descartá-los, optaram por guardá-los como relíquias. Posteriormente, os ex-estudantes decidiram doá-los e disponibilizá-los para pesquisa, permitindo-nos encontrar em suas páginas inúmeros rastros da história da instituição. Os cadernos deixam pistas sobre uma política de nacionalização, valores preconizados, interações entre docentes e estudantes, distribuição do tempo escolar, tarefas atribuídas tanto aos professores quanto aos alunos, entre outras questões. No próximo tópico discutiremos como, apesar de já muito exploradas, a potencialidade dessas coleções como fonte ainda está longe de ter se esgotado.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E CAMINHOS A PERCORRER

A ampla circulação das coleções de Gladis e Luiz Carlos entre pesquisadores da área de História da Educação demonstra como os cadernos escolares ganharam importância como fonte dentro de determinado grupo, e também o quanto eles revelam sobre determinado período e determinada escola. Porém, algumas questões foram percebidas pelos pesquisadores que as analisaram, mas não foram levadas a fundo, por não ser o enfoque principal dos estudos, deixando ainda uma série de questões para se explorar.

Apesar de mencionadas por Jacques (2011), Bastos (2013a) e Figueiredo (2015), a questão da tipologia dos cadernos, assim como sua materialidade, as livrarias e tipografias em que foram fabricados, ainda carecem de estudos mais aprofundados. Almeida e Souza (2015), assim como Grazziotin (2015), mencionam a presença de ilustrações coladas nos cadernos que faziam parte de manuais e revistas infantis, mas ainda não há nenhum enfoque que se dedique a analisar somente a origem de cada imagem. Grazziotin (2015) mencionou alguns valores preconizados e aspectos ideológicos que os cadernos de ciências deixaram em evidência. Figueiredo (2015) dedicou-se a analisar os valores morais e cívicos presentes em diferentes disciplinas, mas seria interessante dar continuidade ao estudo dessas questões através de entrevistas de história oral para ver os impactos que essas questões exerceram, ou não, sobre a formação dos estudantes. Também não foi feito nenhum estudo sobre a forma como as mulheres eram retratadas nos cadernos. Enquanto as coleções estão repletas de menções à grandes heróis do sexo masculino, a única mulher retratada como heroína é a princesa Isabel. Além disso, quando se fala das figuras paterna e materna, o pai costuma ser relacionado às atividades tipicamente masculinas, como pescar, acampar e trabalhar, já as

mães, quando citadas nos textos ou problemas matemáticos, estão fazendo compras para a casa, cozinhando e costurando.

As possibilidades se multiplicam ainda mais se cruzarmos essas coleções com cadernos do mesmo período ou de períodos diferentes (anteriores ou posteriores), assim como com as outras fontes disponíveis no acervo da escola, como fotografias, cartilhas, livros didáticos, entre outros documentos.

De acordo com Escolano Benito:

Voces y escrituras, iconos y objetos, no son elementos fríos de una periclitada y curiosa arqueología, sino fuentes y símbolos de una cultura que hay que desvelar para entender los “silencios” de la memoria histórica, el logos que gobierna la gramática interna de lo escolar, el intrincado y labiríntico conjunto de dispositivos y rutinas que se imponen como prácticas ordinárias en esta institución ya secular que es la escuela (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 114).

Podemos tomar os cadernos escolares como objetos que deixam rastros de vozes e escritos que nos ajudam a investigar esses silêncios da memória histórica apontados pelo autor, assim como quem determina suas rotinas e suas práticas. É importante que continuemos os preservando e explorando suas possibilidades de análise, pois como afirma Viñao (2008, p. 14), “não existe um fenômeno, acontecimento ou assunto que, considerado de perspectivas diferentes, não mostre aspectos antes não-visíveis ou visíveis, mas não apreciados”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Dóris Bittencourt; SOUZA, Ariane Simão de Souza. Escritos imaculados: cadernos de História, registros de memórias do Colégio Farroupilha (1950-1962). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. II, p. 202-225.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Um retrato multicolorido da escola: cadernos de uma aluna singular (1953-1957). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2013a. p. 307-336.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Meu diário: escritas de si na escola primária (1951-1957). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2013b. p. 283-306.
- BÚRIGO, Elisabete Zardo; SANTOS, Janine Garcia dos. Representações do mundo nas aulas de matemática: problemas aritméticos em cadernos dos anos 1950. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. II, p. 187-201.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. In: **Educação**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.
- CORDOVA, Tania. Redações, cartas e composições livres: o caderno escolar como objeto da cultura material da escola (LAGESC/SC – 1935). **Hist. Educ.** (Online), Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 209-226, maio/ago. 2016.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. **La escuela como cultura: experiencia, memoria, arqueología**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
- FIGUEIREDO, Milene Moraes. O menino brasileiro tem um dever a cumprir: valores morais e cívicos em cadernos escolares do Curso Primário (décadas de 1940/1950). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. II, p. 149-169.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. Páginas que persistem: cadernos de ciências naturais e a permanência de um tempo escolar. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. II, p. 170-186.
- GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Mariana. Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 35-48.
- JACQUES, Alice Rigoni. **As marcas de correção dos cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha (1948-1958)**. 2011. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2011.
- JACQUES, Alice Rigoni. Do carimbo à caneta vermelha: marcas de correção em cadernos escolares (1948-1958). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2013. p. 232-259.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: UFRF, Rede Sirius, 2003.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 7-14.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo com os cadernos escolares: sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas na escola. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.).

**Cadernos à vista:** escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 129-144.

SILVA, Maria Célia Leme. Os saberes geométricos nos cadernos do Ensino Primário. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bitten-

court. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS:** memórias e histórias (1858-2008). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. II, p. 226-241.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Cadernos à vista:** escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 15-33.